

Diretora de Vigilância Epidemiológica diz que doença é grave, mas não é o maior desafio da carreira

DF - Saúde

Hantavirose no DF é com ela

MARIA FERRI

DA EQUIPE DO CORREIO

Otom de voz é sempre o mesmo. Baixo, contido, sem permitir aproximação, seja para tratar de problemas corriqueiros ou de grandes proporções. Nada consegue tirar do sério a diretora de Vigilância Epidemiológica da Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Nem o surto de hantavirose, que ninguém ainda sabe explicar como começou e quando irá acabar. A doença matou, de forma repentina, dez brasilienses nos últimos três meses.

Disney Fabíola Antezana Urquidi, 44 anos, boliviana que mora no DF desde a infância, está à frente da investigação dos casos suspeitos de hantavirose. Ela determina, junto com sua equipe, os pacientes que entram no protocolo de investigação, prepara mapas, analisa os exames, acompanha os casos e ajuda a definir estratégias de combate à doença.

É a mulher que concentra todos os dados sobre o mal transmitido por roedores silvestres. E só revela o que considera importante para a saúde pública. Os nomes dos pacientes são guardados a sete chaves. Disney costuma dizer que ética não permite expor publicamente pessoas que tiveram contato com o hantávirus.

E quando Disney não quer falar, não há quem consiga convencê-la. Na última segunda-

feira, durante audiência pública na Câmara Legislativa, ela não quis explicar porque o secretário de Saúde, Arnaldo Bernardino, a enviou, junto com outra técnica, para representá-lo na sabatina dos distritais. Segundos após a audiência ser encerrada, Disney Antezana saiu sem falar com a imprensa.

A diretora de Vigilância Epidemiológica também não gosta de dar entrevista por telefone. E odeia ser incomodada quando está fora do expediente. Certa vez, um repórter ligou para sua casa em um fim de semana. Disney disse apenas para ele queimar o papel onde o número estava anotado.

Apesar do estilo rígido, Disney Antezana é muito benquista profissionalmente. A confiança nela é total — tanto dos chefes quanto dos subordinados. "Ela merece nosso crédito pela sua dedicação", elogia o subsecretário de Vigilância em Saúde, Elias Tavares. Ele é o chefe direto da sanitária.

Desafios

Disney avalia que o surto de hantavirose não é um dos seus maiores desafios profissionais. Ela diz ter enfrentado grandes desafios e, no dia-a-dia, responde tecnicamente por todas as ações de epidemiologia e controle de doenças da secretaria. São mais de 40 enfermidades. Na lista estão a dengue, tuberculose, cólera, hanseníase, Aids, febre tifóide, sarampo, leptospiro-

Paulo de Araujo



se, malária, entre outros males.

"Não dá para comparar o que já vivi com o quadro atual. Cada situação é única, e trato tudo com a mesma seriedade", diz. "Em qualquer circunstância é preciso perceber o que é possível ser feito, ficar atento às mudanças e direcionar as estratégias."

Entre 1986 e 1991, a sanitária trabalhou numa das maiores epidemias de dengue e febre amarela do país. Servidora da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), ela viajou pelo Brasil para assessorar, supervisionar e

complementar os trabalhos de combate às doenças nas capitais e municípios.

Graduada em Medicina em 1981 pela Universidade de Brasília (UnB), Disney fez mestrado em Saúde Pública e concurso para médica sanitária três anos após sair da faculdade. Trabalhou dois anos no Centro de Saúde 1, em Brazlândia. Ao mesmo tempo, tornou-se pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Em 1986, passou a trabalhar

na Funasa e, até hoje, faz parte do Ministério da Saúde. Licenciou-se para assumir o cargo de diretora de Vigilância Epidemiológica, em 2001. Sobre sua vida pessoal, Disney também não gosta de falar. No trabalho, é de pouca conversa para assuntos íntimos. "Troca uma receitinha culinária de vez em quando", diz uma amiga. "Não quero que minha individualidade seja exposta, nem costumo misturar assuntos pessoais com profissionais", justifica Disney.

As pessoas que convivem com

“

NÃO DÁ PARA COMPARAR O QUE JÁ VIVI COM O QUADRO ATUAL. CADA SITUAÇÃO É ÚNICA, E TRATO TUDO COM A MESMA SERIEDADE

”

ela dizem que a diretora de Vigilância Epidemiológica não cuida somente da saúde de outras pessoas. "Ela tem uma rotina de exercícios, gosta de caminhadas", garante a enfermeira Cândida Rodrigues, 44, do Programa DST/Aids. Disney também é de comer pouco. Prefere alimentos naturais. E toma com frequência chás bolivianos. "Eles não podem faltar aqui no escritório", revela uma secretária da diretora. Disney trabalha no 3º andar do prédio da Secretaria de Saúde, no SIA, Trecho 1.